

O MASSACRE DE NANQUIM: RECONHECIMENTO E O REVISIONISMO

ODS 4 – EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

Lara Ferreira Lopes (Colégio Progressão Pindamonhangaba)
Ana Hübner Toribio (Colégio Progressão Pindamonhangaba)
Pietra Liao Matias Giovanetti (Colégio Progressão Pindamonhangaba)
Noemi Costa Borges (Colégio Progressão Pindamonhangaba)
Renato Fernandes Lobo (Colégio Progressão Pindamonhangaba)

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito das aulas de História com o objetivo de demonstrar a relação entre passado e presente, evidenciando como guerras impactam o imaginário das sociedades, moldando a forma como os povos enxergam a si mesmos e aos outros. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, com base em artigos acadêmicos que discutem o Massacre de Nanquim sob diferentes perspectivas históricas, políticas e culturais. Os textos utilizados foram: “O Massacre de Nanquim: Memória, História, Reconciliação” de Rodrigo Abrantes da Silva (PUCRS, 2013), que analisa os desdobramentos do massacre na construção da memória nacional chinesa; “O Massacre de Nanquim e a construção da identidade nacional chinesa” de Mariana de Oliveira (Revista História em Reflexão, 2017), que aborda o uso político da memória pelo Estado chinês; e “A negação do Massacre de Nanquim e o revisionismo histórico japonês” de Rafael H. Sato (Revista Faces da História, 2020), que investiga as tensões diplomáticas e o negacionismo japonês. Após a leitura e análise desses textos, foi elaborado o seguinte resumo: O Massacre de Nanquim foi um dos episódios mais brutais da Segunda Guerra Sino-Japonesa, ocorrido entre dezembro de 1937 e janeiro de 1938, quando tropas japonesas ocuparam a então capital chinesa. Em apenas seis semanas, estima-se que entre 200 mil e 300 mil civis e prisioneiros de guerra foram mortos, e entre 20 mil e 80 mil mulheres foram violentadas, conforme relatado por Rodrigo Abrantes da Silva. Mariana de Oliveira destaca que esse episódio se tornou um trauma coletivo e um símbolo da “humilhação nacional”, sendo constantemente lembrado em livros, filmes, museus e discursos oficiais como forma de reforçar a identidade nacional chinesa. O massacre só pode ser compreendido dentro do contexto da expansão imperialista japonesa, marcada por uma ideologia militarista e racista que considerava os chineses. Rafael H. Sato aponta que, no pós-guerra, embora alguns comandantes japoneses tenham sido julgados, muitos escaparam de punições severas, e até hoje setores nacionalistas no Japão negam ou minimizam os acontecimentos, gerando tensões diplomáticas com a China. A memória do massacre é, portanto, um campo de disputa entre o reconhecimento histórico e o revisionismo político. Mais de oitenta anos depois, Nanquim permanece como um fantasma que ronda o leste asiático, lembrando que os horrores da guerra não se encerram com o fim dos combates, mas persistem na memória dos povos que os viveram. O silêncio não apaga a dor, e a lembrança dos que sofreram naquele inverno de 1937 ecoa como advertência contra a barbárie humana.



Palavras-chave: Massacre de Nanquim; Reconhecimento; Revisionismo.